

DESLOCAMENTOS, GÊNERO E CIDADE: INSERÇÃO DE MULHERES NOERDESTINAS EM BOA VISTA – 1980-1990.

RAIMUNDA GOMES DA SILVA*

INTRODUÇÃO

Este trabalho trata sobre os indícios de possibilidades de deslocamentos de mulheres nordestinas na cidade de Boa Vista nas décadas de 1980 e 1990. Faz parte da pesquisa de doutorado “Relações de gênero: migrantes nordestinos na Cidade de Boa Vista – 1980 – 1990, pela PUCSP, cuja finalidade é estudar as relações de gênero de migrantes nordestinos(as) na Cidade de Boa Vista nas décadas de 1980 e 1990. Busca ainda analisar em que aspectos as especificidades e possibilidades da Cidade de Boa Vista proporcionaram transformações nas relações de gênero da mulher migrante nordestina e como essas mulheres configuram as relações de gênero e poder no cotidiano.

As fontes básicas são os jornais “Tribuna de Roraima”, “Igreja a Caminho” e fontes orais de nordestinos(as). O " Tribuna de Roraima" é um jornal que nem sempre foi regular, mas tem algumas colunas que considero importantes pelo fato de nos transportar um pouco para o cenário das discussões nacionais e locais na década de 1980, como feminismo, debate sobre a Constituinte, assuntos abordados principalmente na coluna “Mulher/Mulher”, além de uma matéria publicada semanalmente, intitulada “Gente”, que trata da trajetória de migrantes e moradores de Roraima. Nessa fonte estarei atenta às configurações de gênero e debates sobre a situação da mulher nas discussões locais e nacionais construídas nestas matérias.

O jornal " Igreja a Caminho", da Igreja Católica, circulou durante dez anos (1984 a 1994). Trata-se de um informativo considerado de vanguarda, principalmente no que diz respeito à questão indígena. Também tem uma coluna intitulada “Mulher na Sociedade”, contemporânea da coluna do Jornal Tribuna “Mulher//Mulher”. A coluna

* Professora de História da Universidade Estadual de Roraima – UERR. Doutoranda em História Social pela PUCSP, Mestre em História Social pela UFRJ e Graduada em História pela UFPE.

citada acima, trás discussão relacionada à mulher no mercado de trabalho, dupla jornada, participação política, educação diferenciada. É uma coluna que explora questões relacionadas ao cotidiano das mulheres em Roraima.

Toma-se como base teórica a abordagem de gênero com principal orientação da pesquisa a partir da categoria de análise histórica de Joan Scott nas duas perspectivas da autora: a idéia de que o gênero é construído nas relações atribuídas às diferenças sexuais, as quais variam de acordo com o contexto histórico e cultural; e a de que o gênero é fundamentalmente uma categoria de análise de relação de poder. (SCOTT:1996; PINSKI: 2009) Quanto à identidade nordestina, será baseada em Stuart Hall, visto que não se pensa as identidades, sejam elas nacionais ou regionais, como algo natural, mas construídas no seio de uma cultura (HALL, 2005). E deslocamento é visto como uma ação de possibilidade de inserção e reconstrução da identidade de gênero e nordestina.

Em função desta pesquisa estar em fase de construção, este artigo ficará centrada nos indícios de possibilidades de inserção e seus deslocamentos do gênero feminino em Boa Vista a partir da coluna “Mulher/Mulher”, do Jornal Tribuna de Roraima, e “Mulher na Sociedade”, do Jornal Igreja a Caminho.

1 – DO ISOLAMENTO AO COSMOPOLITA – RORAIMA X CIDADE DE BOA VISTA – 1970 – 2000

O contexto em estudo é constituído principalmente de três categorias: indígenas, roraimenses e migrantes, principalmente amazonenses e nordestinos; e nas últimas décadas do século XX, passava por um processo de povoamento, ocasião em que se estabeleceu um forte movimento migratório, o que caracteriza este momento enquanto um período de grandes transformações sociais em Roraima e, especialmente Boa Vista, que foi marcada pelo crescimento demográfico e pelo processo de modernização pelo qual passou a viver a cidade.

Este momento foi também marcado pela carência de mão-de-obra, o que levou a circulação de propagandas enfatizando a estabilidade no funcionalismo público e outras oportunidades como assentamento em áreas agrícolas.

Os primeiros passos de modernização do Território só ocorreram após quase trinta anos de sua fundação. Até então, esta sociedade apresentava traços de uma sociedade rural com características patriarcais e compadrios, onde muitas vezes eram camufladas a violência e as relações de poder entre índios e brancos, fazendeiros e agregados e homens e mulheres.

A realidade roraimense era marcada pelo isolamento entre o resto do país e do próprio território em si, por falta de integração: estradas, pontes e meios de comunicação, sendo as únicas vias de ligação os transportes hidroviários e aéreos, para quem tinha acesso. Este isolamento implicava num custo de vida mais alto do que em Manaus, pois, além dos produtos agropecuários, as compras só eram feitas de seis em seis meses, quando era possível a navegação no Rio Branco. Contexto que não atraía muito migrantes para Roraima, os quais se dirigiam para outras regiões da Amazônia.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE:1991-18), em Roraima, até 1970 não se verifica ainda grandes incentivos governamentais, meios de circulação, contínuos fluxos migratórios, capitais nacionais e estrangeiras, entre outros, que já estavam presentes em outras áreas amazônicas. Observa-se ainda que até a segunda metade desta década, a circulação de pessoas e mercadorias permaneceu descontínua, em decorrência da precária infra-estrutura energética e viária, que inviabilizava, tanto as atividades já existentes como o surgimento de novas (Censo de 1991). Essa situação quase de abandono pelo poder público é marcante em narrativas de roraimenses e migrantes que chegaram a Roraima até o início da década de 1970.

De acordo com Souza (2000) e o Atlas Histórico e Geográfico de Roraima (1981), a partir do final da década de 1970, principalmente a partir de 1980, ocorreram algumas mudanças de caráter local e nacional que alteraram o ritmo do cotidiano da maioria dos roraimenses dentre elas destaca-se a abertura de rodovias que contribuiu com um volume expressivo de migrantes do norte e nordeste, sobretudo maranhenses, atraídos pelas frentes de trabalho decorrentes das obras de infra-estrutura ou empenhados na formação de pequenos povoados nas áreas florestais, ao longo do eixo rodoviário onde começava a aparecer o trabalho assalariado.

As rodovias também contribuíram com o crescimento de Boa Vista. Devido a sua condição de capital, Boa Vista é uma cidade essencialmente político-administrativa,

concentra a maior parte da população de Roraima e quase a totalidade dos órgãos governamentais: federal, territorial, municipal e, posteriormente, estadual, grande parte de investimentos públicos e privados. Sendo o único núcleo a ter característica de cidade. (SOUZA:2000; Atlas de Roraima - IBGE: 1981).

Estas características são um dos fatores de atração de migrantes para a capital, pois, se por um lado é o único espaço urbano com determinada estrutura, por outro, é um espaço carente de mão-de-obra, principalmente qualificada. Esta realidade incentiva a chegada de migrantes para esta região, seja por meio de articulação de famílias ou pelo interesse da elite local em trazer pessoas para investir em Boa Vista. O movimento migratório em direção a Roraima foi dinamizado por uma importante propaganda governamental e por pessoas que voluntariamente divulgavam o Estado como terra da oportunidade (garimpo, terras, facilidade de emprego no quadro administrativo, etc.).

De acordo com um relatório Perfil da Cidade de Boa Vista. Governo de Roraima: Secretária de Planejamento e Coordenação, Boa Vista, 1980, “(...) a população que se dirige para Boa Vista é uma população mais especializada, com maior nível de escolaridade, onde normalmente é absorvida pelo setor público ou pelo setor comercial privado”. (GOVERNO DE RORAIMA: 1980: 24.)

Entretanto, a condição do Território e de Boa Vista enquanto capital, possibilitava ascensão social para muitos que eram praticamente semi-analfabetos, que fixavam residência na capital e almejavam atuar no funcionalismo público federal, desenvolvendo atividades ligadas a serviços gerais ou outras funções que não exigissem qualificação específica.

É mais importante salientar que as facilidades do período do território durante o processo de estruturação do Estado aos poucos foi redefinindo os perfis de migrantes, passando a exigir outras habilidades e pessoas com qualificação profissional, também é importante salientar que nem todos(as) migrantes se apropriaram dos novos espaços, conforme Michelle Perrot: “O deslocamento, condição necessária, certamente, não suficiente, para mudança e até mesmo para a liberdade, indica uma vontade de ruptura de criar possibilidades de um futuro”. (PERROT: 2005-297). Estas duas possibilidades foram observadas nas entrevistas com mulheres cearenses para realização da minha dissertação “Reinvenção de um novo viver”: mulheres cearenses em Boa Vista (19950 a 1989), em 2003 e durante a pesquisa “Migrantes e migrações em Boa Vista: os bairros

Senador Hélio Campos, Raiar do Sol e Cauamé”, em 2006, coordenado por Carla M. de Souza e Raimunda G. Silva. Além de observar as possibilidades e desafios de inserção em Boa Vista permite perceber as mudanças dos perfis que vão se configurando no final do século passado e início deste.

2 – INSERÇÃO E DELOCAMENTOS: INDÍCIOS DE MUDANÇAS NAS RELAÇÕES DE GÊNERO

Nas décadas de 1970 e 1980, “As atuações femininas se destacavam nas atividades sociais¹, tendo como segundo setor de maior participação o de prestação de serviços².” Segundo Silva, (2003) esta participação aumenta significativamente:

A participação feminina neste ramo triplicou. Este crescimento também está relacionado com o aumento da população, tanto de origem natural de Roraima, quanto da migração, Boa Vista permanece como o principal centro urbano e também o principal espaço de atuação das mulheres. (SILVA, 2003, p. 55).

A carência de mão-de-obra facilitou o acesso ao mercado de trabalho em Boa Vista, o que supõe, somado ao seu processo de modernização, afrouxou os laços que fortaleciam o modelo rígido da educação feminina baseada nos princípios patriarcais e rurais da pacata sociedade roraimense, observado até a década de 1970. Nas décadas seguintes se percebe mais flexibilidade na relação entre homens e mulheres, não apenas no campo profissional, mas também nos diferentes deslocamentos de papéis proporcionados na capital roraimense, devido à maior participação das mulheres nos diferentes espaços da capital, dentre eles, a política partidária, os sindicatos, o movimento feminista e organização de mulheres, espaços profissionais mais atribuídos

¹ De acordo com os três censos o conceito de atividades sociais é semelhante, para tanto se recorre ao conceito do censo de 1980, que determina: atividades comunitárias, atividades médicas e odontológicas e ensino.

² De acordo com o censo de 1980, este setor inclui atividades de alojamento e alimentação, reparação e conservação, pessoais e domiciliares, diversões, auxiliares das atividades econômicas e técnicas profissionais.

aos homens, como chefes de famílias. Essas mudanças são mais visíveis a partir da última década do século XX.

No que tange às conquistas das mulheres em Roraima e tensões das relações de poder, observa-se na documentação explorada alguns indícios de inserção de mulheres e deslocamentos. De acordo com o memorialista Aimberê Freitas:

O perfil das mulheres é muito diferente daquele do começo do século, sendo esse aspecto conseqüente da própria evolução social ocorrida ao longo dos tempos. Atualmente, além de trabalhar e ocupar cargos de responsabilidade assim como os homens, ela aglutina as tarefas tradicionais: ser mãe, esposa e dona de casa (FREITAS, 1991).

De acordo com o autor, as mulheres avançam nos espaços públicos, exercem poder nos espaços de trabalho, porém, continuam assumindo responsabilidade doméstica, ou seja, a dupla jornada – configuração de relações cotidianas de poder que conotam a divisão sexual do trabalho na concepção que configura “a dissolução da família e do trabalho, do pessoal e do político” (MATOS:2002:39), em direção à construção de relações de gênero desiguais com determinados papéis destinados à mulher, como responsabilidade com a educação dos(as) filhos(as) e da casa.

Dependendo do lugar social de onde se fala e do espaço político, pode-se visualizar perspectivas até opostas, como na citação abaixo da coluna “Mulher//Mulher”, Roraima aparece como um paraíso de igualdade de gênero:

Graças a Deus, aqui em Roraima, encontrei mulheres com essa postura, muito profissionais, conscientes de seus direitos e obrigações, e homens que dividem a responsabilidade doméstica e financeira com suas mulheres e, acima de tudo, lhes dão valor e o reconhecimento que merecem (TRIBUNA DE RORAIMA: 25 de abril-1986).

É interessante identificar o lugar social (CERTEAU, 2002) ressaltado acima, de onde fala a autora da coluna “mulher//mulher”. Ela é advogada, professora e feminista. Usa seu espaço com clareza política e paixão para esclarecer os direitos da mulher, provocar debate sobre as discussões da mulher na Constituinte, sobre as lutas feministas e sobre os problemas locais. Estas características, principalmente a feminista, contribuem com a formação de relações mais independentes. Seu entusiasmo pela causa

feminista também permite fazer outras leituras das configurações de gênero e identificar indícios de mudanças do cotidiano de algumas famílias ou grupos.

Outro espaço que nos transporta para a época é a Coluna “Mulher na Sociedade”, nela, apresentam-se manifestações de mudanças nas relações de gênero nas relações do cotidiano familiar. A matéria intitulada “Ser pai por inteiro” discute sobre educação dos(as) filhos(as), divisão de tarefas na educação dos filhos e nas atividades domésticas, relato da matéria: (.) As crianças arrumam a casa, a mãe cuida da cozinha e o pai passa a roupa. (diz o pai) “Prefiro ajudar no ferro do que nos outros serviços e, com essa divisão de tarefas, ficamos todos livres mais cedo para aproveitar o fim de semana juntos.” A mesma matéria ressalta a explicação da psicóloga clínica Maria L. Oliveira: “Não foi a paternidade em si que mudou, porque o homem possui o mesmo potencial de sempre de ser pai. O que mudou foi a concepção de que é a função materna e paterna, e hoje existe uma nova dinâmica familiar.” (IGREJA A CAMINHO: jan e fev de 1990:10).

Esta citação chama a atenção para a postura pedagógica do jornalzinho da igreja ao proporcionar o debate sobre as mudanças da dinâmica familiar e da urgência de repensar as responsabilidades da paternidade, contudo, é um informativo religioso que busca dar direcionamento à família roraimense em meio a tantas mudanças do momento: avanço da migração, garimpo, processo de urbanização da cidade, novos perfis de gênero chegando à capital roraimense.

A Coluna “Mulher na sociedade” também trata do debate referente à Mulher: mercado de trabalho, participação política, dupla jornada. É contemporânea da coluna “Mulher//Mulher”, que acompanha o debate da mulher: na constituinte e as questões locais. Entretanto, ela usa as lutas feministas, mas deixa claro, logo na primeira edição da coluna, um discurso antifeminista:

(...) O direito de voz e vez das mulheres, uma página que fale de mulher para mulher. Uma folha sobre a mulher, de mulher para mulher. (...), mas esta voz não deve ser de uma voz feminista, pois, considero o feminismo mesquinho prejudicial e alienante, ao menos àqueles que procuram divulgar e corromper. (IGREJA A CAMINHO, set: 1986:10).

A busca de diálogo e aproximação com as transformações ocorridas na vida das mulheres nas últimas décadas do século XX supõe que o debate sobre a mulher no jornal “Igreja a Caminho” tenha mais preocupação pedagógica e cristã na ótica da Teologia da Libertação - libertação do povo oprimido e excluído dentre estes inclui as mulheres. É uma fase de crescimento demográfico em Roraima, principalmente por conta da abertura do garimpo em 1986. Nesse contexto, é direcionada sua atenção e clamor às mulheres mais sofridas “A nossa realidade não é somente esta, lembramos Mãe, Maria empregada doméstica, Maria lavadeira, bóia fria, operária, prostituta, residentes em subúrbios de grandes centros que trabalham o máximo para ganhar o mínimo, sem condições para sobreviver”. (IGREJA A CAMINHO, maio, 1987:12).

Em ocasião do 8 de março de 1988 e 1992 a coluna homenageia as mulheres brasileiras com uma poesia³ de clamor:

Mulher brasileira nordestina, que choraste a seca, e agora migras as lágrimas às águas da cheia/ Mulher mãe brasileira onde está teu filho drogado, viciado, condenado? Mulher mãe brasileira deixaste de amar o teu filho? Será que alguma vez condenaste? Mulher brasileira índia, de filho às costas e roupas de imbuas, “ selvagens inculta”, quem pensa, o que pensa do nosso Brasil? (Igreja a Caminho, março: 1988:13; 1992:08).

Nos dois momentos de exploração da poesia na coluna a Mulher na Sociedade, a mensagem é acompanhado de imagens de mulheres mães, no de 88 apresenta imagens de mulheres com filhos no braço com características africanas, mulheres como vítimas, excluídas, pobres coitadas, desprovidas de vaidade, com filhos e sem perspectivas. No segundo, configura mulheres com crianças com aspectos de retirantes, camponesas, lavadeiras; de forma tímida já apresenta mulheres com iniciativa e com características mais aproximadas da “realidade brasileiras” e ao contexto de Boa Vista nas décadas de 1980 e 90.

A coluna busca sensibilizar o problema das desigualdades sociais, mas ao mesmo tempo fortalece o discurso tradicional referente à mulher vítima, com o dever de gerar e criar filhos, como algo quase natural e até de engrandecimento do gênero

³ Poesia retirada da Revista Igreja Cristã de Aída Barreto de Araújo , Trata de diferentes gêneros de mulheres excluídas da sociedade brasileira. Foi publicada em dois momentos no Jornal Igreja Caminho em comemoração ao 8 de março (1988 e 1992). Ao observar os dois momentos de reprodução da poesia percebem algumas adaptação ao contexto local.

feminino: o sofrimento e a maternidade. Discurso denunciante que vê as mulheres como excluídas de quase tudo, mas, nas entrelinhas, não são vistas como sujeito capaz de decidir a própria vida, cabendo à igreja assumir este papel de orientadora. Assim, na busca de interlocução com as mulheres, as matérias da coluna articulam distintos discursos sobre a mulher, de forma que vai apresentando alguns indícios dos gêneros de mulheres da capital roraimense.

Quanto às narrativas orais, as mulheres nordestinas entrevistadas, principalmente durante os dois momentos ressaltados acima, pode-se perceber mulheres que se apropriaram da cidade de Boa Vista como seu espaço de independência tal como no campo profissional, afetivo; nos anos 80, é perceptível no Censo o aumento de separação de casais. Também observa-se o processo de empoderamento, seja por meio da própria experiência migratória na busca da sobrevivência, crescimento profissional, ou por meio de apropriação de novos espaços como o político partidário, que inclui várias nordestinas, e nos movimentos sociais. Contudo, ressalto que nem todos os deslocamentos de mulheres nordestinas configuram manifestações de autonomia. Concordo com Perrot quando afirma que implica outros aspectos, entre eles, querer e ter condição de refletir sobre as relações de poder que configuram as desigualdades de gênero, descortinar, reconstruir, ou seja, se reinventar, observado no depoimento da migrante cearense Margarida Bastos, ao se referir a sua experiência migratória:

(...) aprendi a dirigir minha vida só sem precisar, isso é uma das coisas boas, maravilhoso, e aprendi é, ser a direção, direcionar minha vida sem precisar muito de apoio assim, sem precisar de um encosto de um homem. Essa foi uma das coisas que aprendi, resolvi tomar iniciativa, determinações que sempre deu certo. (Entrevista concedida a Raimunda G. Silva: out- 2002).

São experiências que vão sendo desenhadas ao estilo de cada gênero, nordestino ou não, dentro do processo de construção e reconstrução de homens e mulheres da capital roraimense. Deslocamentos de mulheres em Boa Vista nas últimas décadas que configuram mulheres mais independentes das relações tradicionais de gênero e, portanto, mais livres para viverem as oportunidades e desenharem a sua própria vida.

Essas mudanças fazem parte, direta ou indiretamente, das transformações ocorridas no Brasil nas duas últimas décadas do século XX, com o processo de urbanização, as conquistas e lutas feministas que passaram a fazer parte do cotidiano de diferentes segmentos de mulheres, institucionalizaram-se ou se transformaram em políticas para mulheres, aspecto que já vinha se configurando em um gênero de mulher que, de certa forma, consciente ou inconsciente, prima pela cidadania, pela realização profissional e pessoal. Isto já é considerado como meta para algumas mulheres do final do século passado, inclusive em Roraima. Período também marcado pelos discursos das diferenças culturais, indígenas e de gênero, aspectos que já se observa nos movimentos indígenas em defesa da cultura, organização de mulheres indígenas e movimento feminista, os quais possibilitam o debate em torno das diferenças e especificidades em Roraima nas últimas décadas.

3 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredita-se que o deslocamento de mulheres, aos poucos, foi mudando saindo dos modelos de mulheres coadjuvantes para tornarem-se mulheres sujeito no processo migratório, desempenhando, muitas vezes, papéis fundamentais, tanto para a cidade na qual passam a atuar – mercado de trabalho, sindicatos, organizações de mulheres e movimento feminista, ou ainda na construção de redes sociais de solidariedade de migração, fomento à vinda de familiares, amigos e companheiros, assumindo a chefia da própria família, ou enviando contribuições para os familiares no lugar de origem.

As três fontes apontam índios de deslocamentos no campo das relações familiares ao colocar em debates estilos de famílias com práticas mais solidárias e igualitárias no que diz respeito à divisão de tarefas domésticas e reflexões sobre os papéis da maternidade e da paternidade; as discussões em torno do feminismo, principalmente pela coluna Mulher// Mulher, em conexões com as questões nacionais e locais referentes à mulher; a apropriação de novos espaços pelas mulheres na cidade de Boa Vista, tanto no mercado de trabalho quanto nos movimentos, e formação de organizações de mulheres e feminismo.

Quanto aos discursos que articulam conquistas e permanências do modelo

tradicional referindo à coluna “Mulher na Sociedade”, se apresentam com maior consistência como um instrumento mediador no que diz respeito às conquistas e desafios das mulheres do final do século XX. São registros que conotam índices de permanências, mudanças ou tensões e lutas por mudanças nas relações de gênero e do cotidiano.

Outro aspecto que tem apresentado indícios de mudanças para as mulheres refere-se à própria experiência migratória, parafraseado Margarida “que aprende a dirigir a própria vida”. Nessa perspectiva, a vivência em outros lugares pode possibilitar alternativa de vida diferente do lugar de origem e até mesmo a reconstrução da identidade, dependendo de quem migra, do tempo e do contexto local, novos horizontes podem ser construídos.

Pode-se constatar que é uma sociedade constituída de homens e mulheres que compartilham das mudanças atuais relacionadas aos novos desafios, tanto em termos conjunturais quanto em termos culturais. As três fontes exploradas configuram indícios de transformações nas relações de gênero e do cotidiano da Cidade de Boa Vista, o contato com diferentes gêneros de mulheres e homens de norte a sul, com novos deslocamentos de gênero e migrantes, contudo são indícios que exigem mais aprofundamentos para afirmações mais precisas.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ALBURQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**, 2 ed. Recife: FJN, Massangana: São Paulo: Cortez, 2001.

BARROS, Nilson Cortez Crocia. **Roraima: paisagens e tempo na Amazônia** Setentrional. Recife: ed. Universitária, 1995.

FREITAS, Aimberê. **Geografia e história de Roraima**. Manaus: Grafima, 1991.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós – modernidade**, 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho**. São Paulo: EDUSP, 2002.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

PINSKI, Carla Bassanezi. **Estudos de gênero e a história social**. Revista. Estudos Feministas: UFSCCFCH/CCE. Vol.7, n.1-2 (2009) – Florianópolis: UFSC.

SILVA, Raimunda Gomes da Silva. **Reinventando um novo viver: Mulheres cearenses em Boa Vista (1950-1989)**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós- Graduação em História Social (PPGHIS/IFCS) da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2003.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero: uma categoria de análise histórica**. 3 ed, Recife: SOS CORPO, 1996.

SOUZA, Carla Monteiro de. **Gaúchos em Roraima. Porto Alegre: EDIPUCRS**. 2001.

SOUZA, Carla Monteiro; SILVA, Raimunda Gomes da. (Orgs.). **Migrantes e migrações em Boa Vista: os bairros Senador Hélio Campos, Raiar do Sol e Cauamé**. Boa Vista: UFRR, 2006.

FONTES

Censo Demográfico de 1991. Situação demográfica social e econômica: primeiras considerações: Estado de Roraima/Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Departamento de populações. Rio de Janeiro: IBGE, 1995.

Atlas de Roraima. Rio de Janeiro: IBGE e Governo do Território de Roraima. 1981.

Jornal Tribuna de Roraima – 1986 a 1987 - Boa Vista.

Jornal Igreja a caminho – 1984 a 1989 - Boa Vista.